

**VOZES
DA
NATUREZA**

POESIAS

GILBERTO BRAZ ALMEIDA

CHERNOBYL

Por toda a terra,
pelos ares,
pelos mares,
de lá vem

um poema canceroso
das entranhas malditas
de Chernobyl.

Chernobyl, Chernobyl...
Os cães de guerra
ladram ao lado do canil...

Chernobyl, Chernobyl,
nas vísceras dos mortais
ficou para sempre
a tua peste, Chernobyl!...

O CÃO E A QUIMERA

Eis cão raivoso do oriente
mostrando os dentes enfileirados,
tal qual fera faminta,
farejando a areia do deserto,
soprando a fé islâmica,
preparando a guerra santa.

Eis a quimera do ocidente,
mostrando as garras afiadas,
tal qual ave de rapina,
voando mais alto que o Himalaia,
lambendo o horizonte,
conquistando o infinito
preparando a guerra nas estrelas.

Eis um mundo malfadado
enfeitado melancolicamente
de Nagasaki e Hiroshima.

Eis os dragões sem fogo,
os cordeiros indefesos
na mira do cão e da quimera

SINAL DE ALERTA

Mundo,
mundo este
programado,
controlado
por computadores.

Humanidade,
humanidade esta,
presa numa corrente
sem elo,
sem cadeado...

Enferrujada
e consumida
pelo monstro da poluição.

DE QUE VALE

De que vale
ter folhas verdes e mimosas
ser um pé de rosa no jardim,
sem nunca dar uma rosa...
Ser vítima dos próprios espinhos.

De que vale
um palácio de fantasia
ser um rei improvisado...
Quando colher frutos
de uma lição aprendida,
vale mais,
muito mais,
que usar uma roupa nova.

De que vale
a juventude moderna,
os coloridos das novas emoções,
se tudo isso é nada.
Pois se vive
no labirinto do desamor,
bebendo do fel
da desilusão
e comendo do pão
da infelicidade

De que vale
bater no peito e dizer:
_ Sou religioso.
Mas: Deus no céu
e o dinheiro na terra,
orações...?
Só nas horas de perigo.
De que vale

buscar o ouro e não o amor,
sendo o ouro uma substância matéria
e o amor um sentimento divinal.

(...)

A esperança dos desesperados
é como a inocência cega
no redemoinho do vento,
no ponto final do tempo,
num parêntese reticente (...)

As promessas dos amparados,
idem,
idem...
No mesmo parêntese reticente (...)

RESQUÍCIOS MITOLÓGICOS

Ah! Se nas trevas da noite
em pleno século espacial
monstros pré-históricos surgissem...!

Certamente!...
Covardemente!...
Os vampiros do capitalismo
e do socialismo
retornariam,
as sombrias
e frias
cavernas da idade da pedra.

OS GRANDES

Arrotos que se ouvem ao longe,
que atijam fogo aos inimigos,
que acalentam aos aliados,
que trazem a morte aos inocentes,
que agregam,
que arrastam
ditaduras,
democracias
e realezas...
Que conduzem à humanidade
ao metabolismo da fome.

Mas...
Do fermento que faz brotar vidas,
da poeira cósmica poluída,
nas naus de outrora,
nas caravelas de Colombo
e de Cabral
virão deuses
e heróis enferrujados
lutar contra andróides mutilados.

PLANETA CANSADO

Cá estamos,
num planeta quase descolorido,
que ainda tem a semente do amor.
Mas se a chuva faltar,
a semente jamais renascerá.

Cá estamos
num planeta que precisa
de flores,
de paz
e de luz...
“Enquanto vegetam os jardineiros”.

Cá estamos
num planeta poluído,
vítima do progresso,
mas que ainda
tem árvores frutíferas
que poderão
produzir novos frutos.

???

Ei! Astrólogos confidentes,
o que buscais na ciência dos astros?
O que será do vosso destino?

Ei! Trabalhadores injustiçados,
que girais no círculo da utopia.
De quem será a culpa?
Do vosso patrão?

Ei! Chefes das elites internacionais.
Laureados pelo excesso de capitalismo.
Quem vos honra com tão nobres medalhas?

Ei! Legisladores contemporâneos,
que dítai as normas do amanhã,
sabeis por acaso
que o povo tem sede de justiça?

Ei! Leitores intelectuais,
que buscais o saber a cada instante,
como haveis de julgar
este poema sem resposta?

O VENTO E A ESTÁTUA

Ah! Se a estátua
compreendesse o vento,
o vento vai,
o vento vem,
o vento volta,
o vento não desiste,
o vento ama a estátua.

Ah! Se a estátua
sentisse o vento.
A estátua parada,
a estátua calada,
a estátua esta morta
para o vento...
Mas o vento não desiste,
o vento ama a estátua!

Ah! Se você soubesse
que o vento é sublime
e a estátua pode ser você.

TUE E DEUS

Quando foges de ti e de todos,
saibas que é negro o mundo
quando não se tem destino.

Quando pensas em ti e em todos,
quando visas ao bem da humanidade,
sentes o drama do próximo...

Deus te deu uma vida,
Deus está contigo,
Deus está com todos,
Deus não se esquece de ninguém.

VIDAS

Vidas feitas de migalhas
levadas pela brisa como se fossem palhas
soltas pelo mundo sem sandálias.

Vidas infrutíferas e vagantes,
como a luz que vai ao longe num instante,
deixam rastros porque são andantes.

Vidas cobertas de farrapos,
grotescas com os sapos
e que nunca usaram guardanapos.

Vidas famintas e desagasalhadas,
que dormem ao relento nas estradas
e que de orvalho amanhecem molhadas.

Vidas de pobres sem cultura,
de infelizes criaturas,
que só herdaram as sepulturas.

Vidas feitas iguais a minha vida.
De que valem minhas estradas floridas
se nada fiz por essas vidas.

ALÉM DO PENSAMENTO

Pensando,
pensando,
pensando na essência das árvores,
nos homens que vegetam...
Será que você vegeta?

Pensando,
pensando,
pensei no mundo moderno do século XX,
nas guerras modernas do século XX,
na fome moderna do século XX,
nas favelas modernas do século XX...

Pensando,
pensando,
continuo pensando
nos que não têm o direito de pensar.

CONSELHO DE AMIGO

Ah! Queres o mundo
Só para ti?
Então...
Manda aumentar as solas
dos teus sapatos,
caso queiras fazer um rastro maior.

Vá!...
Vá com Deus
ou com o diabo!
Siga em frente,
mas...
Deixe-me a flor orvalhada,
aquela que se multiplica, triplica,
nos campos coloridos
daqueles que ainda
têm visões poéticas.

Afinal,
saibas que é melhor morrer de medo
nas garras de frágeis formiguinhas
do que pensar
que és um gato,
quando não és um rato.
É só o que te digo,
meu caro amigo.

OS AMANTES DAS MALVINAS

Mortífera substância poluente,
uma composição complexa,
de uma realeza desgastada,
e de uma ditadura militar enfraquecida.

Mortífera substância poluente,
pairou nos ares
das pálidas,
intranquilas
e frias Malvinas.

CONFUSA BANANEIRA

Ó utopia
que congela macacos
que ainda comem banana...

Banana, bananeira,
confusa bananeira,
do planeta dos macacos
que ainda comem banana...

Banana, bananeira,
confusa bananeira.

JOGO DESUMANO

Homem,
vá chutar o sol,
que se perde,
na linha do horizonte,
nas tardes de cada dia,
mesmo não sendo tardes esportivas.

Homem,
não fique chutando a vida
como se a vida fosse uma bola...

Homem,
pobre criatura,
como se fosse uma bola,
uma bola que enche,
uma bola que se esvazia.

VISÕES CONTROVERTIDAS

Moscas, mosquitos,
na praça do sorriso,
procurando sorriso
na praça dos homens.
Já se foram os homens
sorridentes,
as moscas conquistaram a praça.

Teias de aranhas...
Emaranhadas teias de aranhas
que levam a loucura
os cientistas confusos
no rol dos indecisos,
no redemoinho dos derrotados.

Gotas,
gotas de fel
caindo das nuvens da amargura,
sobre a lama do desespero,
sobre o vazio da desilusão,
no leito do último moribundo.

Sentimentos,
sentimentos frustrados pela razão,
formando uma gigantesca cratera
na mente dos idolatrados
frutos do adubo defecado
de suas próprias inteligências.

FATALIDADE

Cacos, pedras,
olhos mortais
que já viram quase tudo,
apenas viram...

Cacos, pedras.
Rastros cansados
feitos inutilmente...

Cacos, pedras.
O sol dos janeiros
secaram-lhe as flores dos lábios,
descolorindo uma face humana.

Cacos, pedras,
e ainda segue
com os pés pesados
pisando a consciência
nas curvas complexas
da estrada da mente.

Cacos, pedras,
na balança que pesa a morte
sem o peso das lágrimas,
que marcaram o fim da dor.

Cacos, pedras,
restos mortais,
ossos ressecados,
sem a carne primitiva
devorada pelo tempo infinito.

PALHAÇO

Num trapo feito palhaço
na caverna da negra noite,
um palhaço vestido de trapos,
esquece o dia enquanto é noite.
A noite é negra e tão comum,
quantos aos trajes do palhaço.

Na negra noite, uma estrela surge,
o palhaço apagado não brilha mais.
Os longos trapos da negra noite,
juntamente com os trapos do palhaço,
envolvem a estrela que surgiu no céu.

Amanhece o dia, encontra-se o palhaço,
com os trapos molhados da chuva que cai.
O dia que se segue,
é tão triste,
tão turvo,
quanto às águas da chuva
que levam o palhaço
e os trapos
sempre rolando
de cima para baixo,
mesmo que o palhaço
não exista mais.

O FAVELADO

Na grotesca favela,
um maltrapilho faminto
chora por ter um filho marginal,
por ter uma vida desgraçada e imunda
debaixo de um teto preste a cair.

Na favela fria,
úmida e asquerosa,
em noites de fantasmas,
de tédio e trevas,
os gemidos do maltrapilho
são apenas ouvidos,
mas nunca amparados

Da grotesca favela
o maltrapilho desfalecido
vê amanhecer o dia
com um olhar moribundo.
Se o dia tem vida,
ele é quem morre.
Se o dia tem luz,
seus olhos já perderam o brilho.

A SÉTIMA RIMA AL

A comédia dos tempos
na tela universal,
vozes de astronautas
no espaço sideral,
guerras que transformam
a beleza natural,
tenho uma vida
que é mortal,
paradoxo do bem
é o mal,
salário
é oriundo do sal,
somente Deus é imortal.

AS CONQUISTAS

Procuram sombras
em árvores desfolhadas...

Encontram espinhos
em tapetes de veludos...

Buscam as estrelas
porque a terra já é uma
lenda superada...

Defronta-se com o universo
que é maior que o pensamento...

Ah! Que bom seria
se as conquistas dos homens,
tivessem o aroma das flores
e a pureza imortal da poesia...

PODER LIMITADO

O século dos séculos
a procura de asilo...
As máquinas operam milagres...

Os homens feitos sábios
pisam sobre o progresso...

Mas
nem todos os homens,
com todas as máquinas,
jamais saberão
como fazer
um pequeno asteróide.

O BÊBADO E O COMETA

Sem nave,
sem luneta,
em plena luz do dia...
E foi assim
que todos,
todos viram o cometa
no céu da camiseta
de um bêbado errante
fora de órbita
pelas ruas da cidade...

Sem pânico,
sem terror,
nem o trânsito parou...
E foi assim que todos,
todos viram o cometa
até que o bêbado se apagou
no crepúsculo da ressaca
sobre o leito da lama fria.

Nos dias seguintes...
O bêbado, ainda
fora de órbita,
voltou a circular
pelas ruas da cidade...
Mas ninguém mais
viu o cometa
pois o céu da camiseta
ficou todo coberto de lama.

LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE

Mestre, mestre de todas as vidas,
venha libertar,
uma multidão perdida,
no lamaçal da ignorância,
nos fossos petrificados
de antigos senhores feudais.

Piedade, Senhor!
Liberdade, por favor!

Mestre, mestre de todos os tempos,
faça acontecer
uma nova Revolução Francesa,
que volte a guilhotina,
que se coloque um fim
nas dinastias dos coronéis.

Piedade, Senhor!
Igualdade, por favor!

Mestre, mestre dos últimos dias,
o que fazer com uma justiça cega?
Que não vê os corruptos!
Que não prende os marajás!
Que não acaba com a mordomia da corte!

Piedade, Senhor!
Fraternidade, por favor!

CORRENTES OPOSTAS

Ser humilde, amar a natureza,
sonhar! Sonhar! E construir também.
No amor encontramos
a divinal riqueza.
O ódio só à morte contém.

Nascemos no mesmo mundo,
a sociedade é que nos faz diferentes,
a união que há prega é imundo
para os que se fazem de inocentes.

Matam os que pregam a igualdade,
os que lutam pela paz e a união,
dando ao mundo apenas claridade.
Proliferam os egoístas que estão
destruindo a semente da felicidade
e cultuando a desordem e desunião.

A NATUREZA

A beleza que adorna os campos
é tão pura quanto a água cristalina.
Começa nas serras
onde nascem as fontes,
descansa no horizonte,
onde morre o dia.

É bom ser nativo dos campos,
viver entre árvores, flores e pássaros.
Mesmo que o crepúsculo seja triste
o luar é algo atraente.

De manhã
reluz o orvalho na relva
que cobre as planícies e os grotões.
Como a natureza
só mesmo a poesia do poeta,
filho amante...
amante da vida pelos campos.

OS RIVAIS DA NOITE

Em meio ao oceano congelado
em noites tempestuosas
nas ondas do atlântico Sul,
surgiram os fantasmas ingleses.
Os mesmos fantasmas
dos castelos medievais.

As margens do oceano congelado
pirilampos norte-americanos e russos
sondavam um pescador adormecido
na frágil canoa argentina.

POEMA DA NOITE

É noite,
contempla-se o infinito,
descobre-se poesia nas estrelas...
Os versos brancos da lua cheia,
contém as marcas dos astronautas,
mas os namorados
ainda não pisaram no solo da lua...

É noite,
as rimas das galáxias,
esnobam infinitas qualidades
do único poeta supremo...

É noite,
leem-se versos em cada estrela,
versos naturais,
versos verdadeiros,
só não se leem
versos descartáveis...

SOLIDÃO X UNIÃO

Há dias sem flores e sem cantigas,
que o sol parece ficar magoado,
que toda relva se transforma em urtigas
e até os pássaros ficam calados.

São os homens seres diferentes,
artistas imperfeitos que fazem o drama.
Mesmo sendo fortes, infelizmente,
são os que mais se arrastam sobre a lama.

Fazer dos dias só dias radiantes!
Que tudo reluza como pedra de diamante!
Basta encher de amor o coração.

Amanhã poderá não ser tão triste
se algo errado ainda existe,
é só plantar a semente da união.

COMBATE A SOLIDÃO

Deixaram um coração
trancado na solidão
e perderam a chave.

Só pra quem é humano:
É crime deixar um coração
morrer de solidão.

Vamos,
vamos todos em mutirão
libertar um coração
trancado na solidão.

O MAGNÍFICO MEDIADOR

Como se fosse um cometa errante,
tal qual ave de rapina,
voando sem cessar.

Ora no hemisfério norte,
hora no hemisfério sul,
o magnífico mediador
das “cacas de pinguins”
que lutam pela soberania
de um pedacinho de pão,
flutuando!

Flutuando!

Nas águas oceânicas
de Colombo
e de Cabral.

ALMAS PENADAS

No rol dos enrolados...
Beco maldito dos condenados,
herdeiros da maldição,
mensageiros da perdição.

Nos crepúsculos em melancolia
nas trevas e nas orgias.
São cinza do nada.
São almas penadas.

Ò viagem confusa dos alados!
Rios dos naufragados!
Naves dos moribundos!
Espinheiras do outro mundo!

VOZES

Vozes de tagarelas
que afetam o mundo...
No redemoinho de tantas vozes
Encontramos mulheres condenadas
homens impiedosos,
enfim...
Mulheres e homens
e homens e mulheres
igualam-se...

Vozes de falsos
que exploram o mundo...
No redemoinho de tantas vozes
Encontramos mulheres vaidosas
homens imponentes,
enfim...
Mulheres e homens
e homens e mulheres
separam-se...

Vozes da verdade
existem ou não neste mundo?...
No redemoinho de tantas vozes
Encontramos mulheres cultas
homens sábios,
enfim...
Homens e mulheres
e mulheres e homens
apenas sofrem...

MENINO DOS CAMPOS

Menino ainda,
amava as flores.
Era belo e brincava
ao lado das árvores
e do ribeirão,
juntamente com as borboletas
e bando alegres de pardais.

Menino ainda,
gravou as cores da natureza,
inspirou-se no céu da poesia,
viu e amou as fontes, os campos
e as planícies verdejantes
do bairro onde nasceu.

Menino ainda,
começou a estudar,
numa escola amarela,
a beira da estrada,
com um belo jardim ao lado
e alguns pés de limão cravo
que viçosos cresciam também.

Menino ainda,
aprendeu andar sozinho
por estradas cheias de pedras
que eram como brasas
ao sol do meio-dia.
Menino ainda,
sonhava ser poeta
num mundo alegre cheio de paz.
Mas, o menino cresceu
e os sonhos de fantasias
transformaram-se em utopias.

CERTO DIA DE SOL

Abri os olhos para um dia de sol
longe das árvores de minha infância,
olhei para o mundo e vi construções
e ouvi o ruído do progresso.

Abri os olhos para um dia de sol
longe dos pardais de minha terra.
Olhei para o mundo e vi aventureiros
emaranhados no círculo do capitalismo.

Abri os olhos para um dia de sol,
longe dos entes queridos.
Olhei para o mundo e não estava só
havia um mendigo a meu lado.

LONGE DOS CAMPOS

Veio dos campos
Antes de o sol surgir,
juntamente com um bando de pardais.
Cresceu sobre as asas do porvir;
longe vai e não volta jamais.

Contempla as estrelas
e vive entre flores.
É um mensageiro
no castelo da esperança.
Não é um rei,
nem o Deus dos amores,
apenas um poeta
que em si tem confiança.

Leva consigo flores com espinhos
deixando poemas por todos os caminhos
não lhe bastam os versos que já escreveu.
Simples,
assim são suas poesias,
fará do amanhã um novo dia
como fez do ontem
um poema que escreveu.

POESIA SEMPRE POESIA

Já houve guerra
no templo sagrado da poesia.

Os versos rimados
foram derrotados.

Os versos brancos
e sem rimas
saíram vitoriosos.

Mas versos com ou sem rimas,
continuam sendo
sensíveis retalhos d'alma.

RUAS DESCONHECIDAS

Sempre caminhando pelas mesmas ruas,
nos mesmos portões, nas mesmas varandas,
vejo as mesmas pessoas.
Vejo parcialmente o que fazem
mas, não sei o que pensam.

Quisera libertar-me
deste meu frágil ser,
que é como um crepúsculo colorido,
que logo desaparece
para esnoabar a mesma sena
no dia seguinte,
na mesma hora,
no mesmo instante.

Devo caminhar por outras ruas,
ver o que há de belo e triste noutras ruas.
Pois o mundo não é só a minha rua.

LÁGRIMAS

Caem lágrimas sobre o chão,
lágrimas de quem sofre os martírios da vida.
Lágrimas que nem sempre merecem penas.

Caem lágrimas sobre o chão,
lágrimas por alguém distante,
lágrimas de saudades.

Caem lágrimas sobre o chão,
lágrimas por alguém que morreu.
Lágrimas, desconsoladas lágrimas.

Caem lágrimas sobre o chão,
lágrimas frutos de prazeres,
lágrimas que purificam a felicidade.

Caem lágrimas sobre o chão,
há lenços que bebem lágrimas,
as lágrimas que nunca caíram no chão.

POEMA DA INSATISFAÇÃO

Dia a dia,
muita luta,
lágrimas de saudades,
outro por de sol.

Mais dias
uma luta continua,
dias de sol,
dias de chuva,
dias de calor,
dias de frio.

Novas despedidas,
novas lágrimas,
velhas recordações,
velhos suspiros.
A cada dia um pôr-do-sol,
um crepúsculo triste,
uma fantasma noite de recordações,
um amanhecer de ressaca,
o regresso ao trabalho,
a bronca do patrão,
o mesmo serviço,
o mesmo ordenado,
novas promessas,
novas piadas
novas mentiras,
risos sem graças,
amizades,
intimidades,
o colégio,
os professores,
os colegas,
alguma novidade,
novas matérias

o fim das aulas,
as ruas da cidade,
a vontade de comer um lanche;
no bolso,
só a carteira de estudante,
nem um lenço
só os cadernos e livros.

Pelas ruas
vitrines coloridas,
cartazes de cinema.
É tempo de política,
pra prefeito vote em:
Homem do trabalho!
Homem da justiça!
Homem do povo!...

Novos anúncios:
Beba... Beba mais...
(Um bêbado dormindo na calçada).
Os faróis dos carros,
o vento irritante,
farrapos humanas,
mendigos, prostitutas,
os guardas-noturnos
a casa velha de madeira,
a república de estudante,
o portão,
a porta,
o copo d'água,
a oração,
a cama,
o sono,
os sonhos.

Outro amanhecer,
outras lágrimas,

sempre a mesma saudade,
o mesmo ordenado!
A mesma injustiça!

ESTRANHO POEMA

Envolvido em nuvens feitas de cinzas,
onde o nada
é maior que a esperança,
é maior que o entusiasmo,
onde o nada é tudo,
somente o nada existe.

As flores de um romântico perderam a cor,
as pétalas, como lágrimas do adeus,
caíram sobre a penumbra do esquecimento,
e o perfume se perdeu
na atmosfera da solidão.

O poeta parece deixar algo estranho
já suspirou um poema incomum,
a brisa do sol poente
levou-lhe a inspiração.
Do crepúsculo veio à noite,
nem as estrelas,
nem a lua,
testemunharam o triste fim.
Tudo em trevas,
num poema inédito
contra a vontade do poeta.

VERSOS BRANCOS

Os meus versos brancos,
brancos como as nuvens brancas
num céu azul de manhãs ventanosas.

As nuvens seguem um destino qualquer
ora se espalham,
ora se aglomeram,
ora dão forças aos ventos,
oram choram chuva.

Os meus versos brancos,
apenas buscam simplicidade.

Eu amo meus versos brancos,
brancos como os cabelos brancos
de minha cabeça humana.

O tempo passará,
outros poetas virão.
Cabeças loucas
dominarão a terra,
críticos menos loucos,
hão de encontrar
meus versos brancos
amarelecidos no baú do esquecimento.

IMAGINAÇÕES

Algo existe além do fundo do mar...

Supérfluo de tudo...

Talvez de imaginações
que ultrapassam da fonte
de todas as inspirações.

Algo existe além das estrelas...

Ouro, diamantes, ou mil coisas banais.

Diferentes do que se pode imaginar
numa mistura de ideias indefinidas...

Ser perdido que pensa estar certo...

Até mesmo plantando sementes no concreto
certo de que frutos não de vir.

Que dominou a terra

e vive em conflitos,

pensa ser maior que o infinito.

Afinal, como será o porvir?

AMARGO REGRESSO

Certo templo no alto do morro,
uma cruz plantada na areia,
um sol de sacrifício,
um céu sem nuvens,
uma vida quase morta
retorna ao ponto de partida.

Na árdua rotina
de um negro sonho,
sangue,
carrascos
e rancores.
Tudo passa na tela da imaginação,
desde os gritos
dos fracos que tombaram,
a poeira fina das estradas,
os pés descalços
sobre pedras pontiagudas,
o pranto renhido
das pálidas crianças,
a fome,
a sede
e a dor.
Paz...?
Em que beco de mundo
ficou sepultada a paz?

AS FACES OPOSTAS DO AMOR

Amor, campo vasto sem fim,
árvore frutífera e abstrata,
universo único de todos os astros,
rios que se encontram nos oceanos.

Amor, chuva fina e constante,
terra fértil que precisa de água,
planeta que necessita de luz,
astro que rege o universo.

Amor, campo pisado pelo ódio,
árvore quebrada pela desunião,
universo arrasado pela desordem,
rios contaminados pela poluição.

Amor, esmagado pelas chuvas tempestuosas,
terra palco de milhões de conflitos,
planeta perdido nas trevas,
astro esquecido no universo.

DEGRAUS INFERNAIS

Sobre sombras,
com águas turvas,
num leito abastado segue o rio.
Assim és tu
que nem em sonhos paras,
pensas em ti somente e segues no desafio,
ignoras os não privilegiados;
e tu segues,
que fiquem algemados!
Que sofram!
E tu, sempre em frente!

Desigualdade,
quimera imunda
de tanta desgraça.
Fantasia desumana
sem cor,
e sem graça,
que usas como símbolo
de tua sorte.

Superioridade,
traço ilimitado e infernal,
veículo pujante
com o qual transportas
tanto mal,
mas
sabes que caminhas para a morte?

MENSAGEM DE AMOR

Deus,
céu,
sol,

flores,
pássaros;
borboletas...

Que belo!
Que sublime!
Quanta poesia!

Tudo pertence ao amor.

Deus,
céu,
sol,
vida
trabalho,
sorriso,
paz,
união,
felicidade...
Eterno será o amor.

A COLHEITA DAS ROSAS

Às vésperas das rosas desabrocharem,
o jardineiro colhe os botões...
Do processo magistral da comercialização
o mais relevante
são as oferendas de amor.

Rosas,
rosas naturais,
rosas materializadas,
salvai esta gente
tão rica em etiquetas,
tão sem valores espirituais.

QUEM SOU

Sou parceiro da eternidade
inimigo do momento,
aliado dos não alinhados,

Sou avoante da esperança,
faminto de justiça,
rival dos poderosos
sustentados pela negligência
dos não politizados.

O GRANDE ENCONTRO

Do encontro,
entre o romântico e o realista,
ambos concordam,
que o mundo está mudado...

Depois do encontro
entre o romântico e o realista...
Restou ao romântico
o fardo mais pesado
e ao realista,
um espinho na garganta atravessado.

O MEU MUNDO

O meu mundo
é uma bola do tamanho do mundo,
cabe todo mundo.

A minha amizade
é uma bola de cristal,
de cristal...

SOMBRAS

Penumbra,
silêncio!...
O poeta está dormindo...

E no sono profundo,
sonhos confusos
fazem do poeta
um viajante intranquilo
navegando sem destino
no barco das ilusões.
Em meio aos oceanos da vida
na orla do tempo,
numa viagem dos imortais.

O TODO

Existe um todo
envolvendo todos.

O todo existe em função de todos,
mas o todo só será de todos,
quando o todo for dividido entre todos.

O todo sempre esteve além de todos
fazendo-se respeitar por todos
que são dependentes do todo
que tem prioridade sobre todos.

Todos sabem do poder do todo
e o todo sabendo de todos
nunca resolveu os problemas de todos.

O todo deve ser de todos
pois todos só querem do todo
proteção e justiça para todos.

UM TEMPO

Um tempo em que nada sobra,
que é sombra,
que é sede,
que é fome,
que também é progresso,
mas que é regresso
ao irracionalismo.

Um tempo em que nem tudo são trevas
que ainda há luz...

Um tempo que é comédia, tragédia,
que é o auge da filosofia,
supremacia das ciências,
e decadência dos religiosos.

Um tempo em que
mal reluz um fio de esperança.
já sopra os ventos das frustrações,
pois nas cartilhas
dos antigos coronéis
ainda rezam as novas raposas.

Um tempo,
tal qual nos velhos tempos,
em que ainda se varre
o lixo das ruas,
em que ainda se espana
a poeira dos cristais,
em que ainda se limpam
os cofres públicos,
em que ainda se apagam
as nódoas do poder.

Um tempo em que a poupança

dos nunca poupados

é como o pão que se multiplica faltando.

É como a água que aumenta secando.

NOS TEMPOS DE BETINHO

Betinho bendito seja!
Um rosto frágil na multidão.
São tantos os teus filhos
quanto são os teus irmãos.
Neste país verde-amarelo corrompido,
o azul e o branco em plena desunião.

Bendito Betinho seja!
De um coração maior que a razão.
Que todos pensem com a tua cabeça,
que cada brasileiro seja uma de tuas mãos.
Que das pegadas que levam ao luxo
brote um novo milagre do pão..

Seja bendito Betinho!
Uma luz na escuridão.
Que ninguém morra de fome
nesta desgovernada nação.
Que se faça da Praça da Candelária
um local de extrema meditação.

FERIADO NACIONAL

Vamos brindar filosofia,
falar de poesia
ou ser escravo da rotina
diante da televisão?
Ironia!... Hipocrisia!...
Aqui estamos atrelados,
enganados...
Pra que terno e gravata
se não queremos aprender a dar o nó?...

Lá do outro lado do feriado
nos bancos da praça
os velhos falam de aposentadoria...
Uma criança chora, quer pipocas...
Pobre criança!...
As pipocas são de plásticos...

Do lado de cá do feriado,
bem diante dos olhos,
o louco eleito da cidade
fala com os pombos...
As portas estão fechadas...
Subitamente o louco grita:
pra que trabalhar
se a cada dia ficamos mais pobres?!...

CARAS PINTADAS

Jovens!... Jovens!...

Jovens de caras pintadas.

No colorido da esperança
ficou descolorido o poder...

Brasil!... Brasil!...

Enquanto taparam

a boca dos jovens

os ratos roeram

as riquezas do Brasil.

O NINHO

Benquista ave que tece o ninho
no galho oculto da árvore frondosa.
Lá nas alturas suporta o vento,
resiste às tempestades...
Rende-se fragilmente
diante da ave de rapina.

Fica o ninho abandonado,
os ramos da árvore
balanço suavemente
a triste valsa do adeus...

Pobre ave!
Vai em busca de outra árvore,
lá outro ninho torna-se realidade.
Oh, ave de rapina!
Tenha piedade de um vivente
que só quer preservar a espécie!...

ULYSSES

Diz a mitologia grega:
Numa tarde tempestuosa,
nasceu Ulysses guerreiro do mar.
Dirá a mitologia brasileira
Ulysses nasceu do povo,
Foi guerreiro imbatível,
nos mares de lama
da lendária Brasília.

Era Ulysses brasileiro
homem de palavras sábias,
poeta e legislador.
Pai de uma nova odisseia,
esposo fiel de Mora Morena,
não de Helena.

Ulysses de Angra dos Reis,
de Parati e de um novo
cavalo de Troia
que levou o guerreiro e sua amada
de volta para o mar.

Ulysses, Ulysses!
O mito vai continuar,
no pranto da chuva,
no fundo do mar.

FILOSOFIA DA MISERIA

Renego os seguidores do negativismo,
atrelados ao determinismo
de que nada vale a pena, nada vai mudar...

São como os animais que nada pensam,
nada sonham, nada realizam...

Bastam-se em ruminar a ração limitada,
como se a miséria fosse uma virtude.

IMAGEM QUEIMADA

Somos especialistas na arte de fingir.
Herdamos de nossos antepassados
o hábito de construir castelos de mentiras...

Somos arrogantes, prepotentes
e de uma insensata mesquinhez.
Sempre que cruzamos com pessoas estranhas,
no momento mágico do click,
em que dois seres da mesma espécie
entram em sintonia simultaneamente,
simplesmente puxamos o fio da tomada
e queimamos a imagem do outro.

Ó insensata covardia de não querer
trocar um olhar e um sorriso!...

RETRATO DE MINHA RUA

Meu reino é a minha rua
nela os homens são mudos.
A violência é uma bomba,
uma bala envenenada...

A rua se veste de crianças pálidas.
Na calçada dorme verticalmente a fome.
Nas vitrines brilham paetês prateados e dourados.

O meu reino é a minha rua,
de calçadas agitadas,
coloridas de lágrimas, suor e sangue.

FRUTOS DA DESIGULDADE SOCIAL

Aqueles que plantam e colhem
as riquezas dos poderosos
fazem parte de uma multidão
sem nome, sem sobrenome,
a parte oculta da história...

São renegados pela sorte,
são as águas que ainda movem moinhos,
são os frutos da desigualdade social.

MENOR ABANDONADO

Na face oculta da noite,
um menor abandonado
procura no lixo do luxo
o pão dele daquela noite.

A fome campeia no ventre da noite,
um menino feito cão vira-lata
contempla o céu esperança
e dorme de barriga vazia
sob o manto da lua cheia.

JOGO DA VIDA

A vida flui
como se fosse água na mina.
Mina d'água da vida,
sangue da morte.

A vida brilha
como se fosse orvalho na relva.
relva adorno da natureza,
natureza a caminho da morte.

A vida rola
tal qual um novelo de linha.
linhas emaranhadas,
fios da morte.

A vida murcha
como se fosse uma rosa desabrochada.
Flores da vida,
flores da morte.

PAPAI NOEL

Papai Noel,
com essa cara
de bom velhinho,
barba longa,
branca como algodão...
És um garoto propaganda
das lojas dos magnatas
que vendem sonhos
para os filhos dos ricos.

Acorda Papai Noel!
Vem comigo
que eu vou te mostrar
milhares de crianças pobres
que nem tem onde morar,
que nunca receberam
um só brinquedo de tuas mãos,
Papai Noel.

Acorda Papai Noel!
Que não é esse
o caminho do céu,
Papai Noel.

ECOS

Ecos como trovões temerosos
metralhando abusivamente
as fronteiras do infinito,
já quase sem poesia.

Ecos como cantos funestos
de abutres disfarçados de cegonhas
levando nas garras
a poesia agonizante.

OS NOVOS FARISEUS

Prostram-se de joelho,
clamam em altos brados
por piedade e proteção...

Andam de mãos erguidas
de um lado para o outro.
Cantam, choram, dão risada,
flagelam-se, acumulam riquezas,
como nos tempos medievais.

Fazem estremecer montanhas,
convencem as estrelas.
Mas se esquecem de que Deus
é mais antigo que o Universo...
Pobres artistas de teatro!

TEMPO PERDIDO

Jogas um tempo precioso
para os ares a bisbilhotar
a vida alheia,

como quem desfolha o tempo
contando as horas perdidas...
Como quem procura nas cinzas,
a herança consumida.

UM POEMA PAR A JUVENTUDE

Jovens, o que tanto bebeis,
nessa taça maldita?
Será o néctar amargo da vida,
o pólen da destruição?

Se vossos caminhos são labirintos,
onde encontrar uma saída?
Se vosso amanhã é agora
onde encontrar a esperança?

O que será do futuro
se não reflorescerem
em cada primavera
as flores da juventude?

Jovens, abraçai-vos uns aos outros,
numa luta pela vida
antes que as DROGAS e a AIDS
seja tarde...

HOMENS DO APOCALIPSE

Ah! Esses homens capazes de fazer nuvens,
de mudar os cursos dos rios,
de plantar e colher nos desertos,
de tomar terras dos mares
e de acabar com o mundo num segundo...

Ah! Esses homens que brincam com as estrelas,
que são jardineiros de flores artificiais,
que encurtam distancias,
que são números diante dos computadores...

Ah! Esses homens, símbolos embrutecidos,
nas noites de drogas, sexo e AIDS...

Ah! Esses homens guerreiros sem limites
acorrentados, emaranhados,
como insetos nas teias de aranhas....

ODE DA FOME

Andarilhos andrajosos
no rol canceroso da sociedade.
As noites são cavernas,
as estrelas são velas,
as calçadas são camas,
o orvalho, o cobertor...

Maltrapilhos renegados
herdeiros da mácula de Adão.
Somos todos culpados,
seremos punidos pela omissão.

Mendigos desprezados,
os depósitos de lixos
são supermercados
onde os cães e os urubus
dividem com os infelizes
os mesmos pedaços de pão.

O FALSO PODER

Dinheiro, muito dinheiro!...
Feito da mesma matéria prima
do miserável papel higiênico...

Dinheiro, muito dinheiro!...
Com a cédula que se paga o crime,
paga-se também o dízimo...

DIA DE NATAL

Menino Deus, Jesus Menino.
Vejo-te irritado, confuso e triste.
Também pudera, perdeste o trono
para um velhinho bonachão,
usurpador e vilão,
apelidado de Papai Noel.

Menino Deus, Jesus Menino.
Tornaste um menor abandonado
na noite mais linda dos homens.
Milhões de luzes piscando,
vitrines coloridas,
bares enfeitados de Sodoma e de Gomorra.
Tens fome, tens sede, tens sono...
Tentas dormir num banco de concreto
na Praça de uma cidade grande.

Menino Deus, Jesus Menino.
Acordas assustado,
tiroteio, balas pedidas zumbindo no ar.
Agonizante tomba mais um inocente.
Que madrugada horrível!
Olhas para o céu, roubaram-te a estrela guia.
Todos estão perdidos na madrugada suja.
Novamente um policial mascarado
de soldado romano fica na tua captura,
foges como um cão vira-lata
a procura de uma confortável manjedoura

Menino Deus, Jesus Menino.
Finalmente é dia de Natal,
a maior festa comercial da humanidade,
andas como um cão peregrino pelas ruas desertas.
As calçadas cheiram a consumidores inveterados.

No templo vazio, bitucas de maconha, restos de cocaína...
Os doutores da lei ausentaram-se para sempre,
ninguém fala contigo uma só palavra.

Menino Deus, Jesus Menino.

No decorrer do dia, festa total nas mansões dos magnatas.

A tua fome é do tamanho do mundo,

a tua roupa suja e rasgada representa os pecados dos homens,

o teu pai José e a tua mãe Maria estão desempregados,

sem um teto para morar, nada podem fazer por ti.

Em meio a uma multidão embriagado assassina,

numa morte inocente, tão cruel quanto à da cruz

és mais um número na estatística do crime.

O JARDINEIRO

Se aquela janela se abrir
quem nela poderá surgir?
Uma criança?
Uma donzela?
Não!...
Naquela janela,
ninguém nela
irá surgir.

Então...
Quem nessa casa morou?
Como surgiram essas paineiras
que ainda dão flores?

Ah!...
Sei!...
Foi um jovem aventureiro
que saiu pó este mundo de Deus,
plantando árvores
que hão de ser testemunhas
de sua humildade
e da sua benevolência.

ESPERANÇA

Cabisbaixo,
filosofando,
ó felicidade!
Não estou sonhando?

Vou pela vida
seguro a cada passo,
eu sigo em frente.

Deixando poemas
a razão do meu ser,
sou apenas um poeta
hei de vencer.

VOZES DA NATUREZA

Vozes da natureza
é a própria natureza
sufocada,
desesperada,
pedindo socorro,

trancada a sete chaves
no círculo negro
da ambição humana.